

## ÍNDICE

- 17 **Young people as “glocal” citizens of the world. News media representations of youth in mainstream and digital native media**  
Pina Lalli | Claudia Capelli
- 53 **Conhecer e antecipar competências digitais de jovens. Primeiros contributos do projeto ySKILLS com foco em Portugal**  
Cristina Ponte | Lidia Marôpo | Teresa Sofia Castro
- 75 **O que sabemos e como medimos competências digitais dos jovens portugueses? Reflexões em torno de resultados de projetos de investigação**  
Susana Batista | Cristina Ponte | Eva Gonçalves
- 99 **Culturas digitais juvenis e os influenciadores na era da plataformização da internet**  
Lidia Marôpo | Maria do Rosário Rodrigues | Catarina Delgado | João Torres | Patrícia Dias | Eduarda Ferreira
- 121 **Juventude, política e género na argentina (2015-2020): como a mobilização das mulheres reconfigurou a juventude dos partidos políticos**  
Alejandro Cozachcow
- 145 **Occuper les lieux ou être habitées par eux: dynamiques spatiales d’Occupons Montréal**  
Carminda Mac Lorin
- 175 **O sistema mundial e o pensamento alternativo da juventude**  
Paulo Vitorino Fontes
- 197 **Gender and politics: Reviewing the naked body in public space**  
Maria Kalfa
- 203 **Notas Biográficas**

# PREFÁCIO

*Manuel Carlos Silva\**

Solicitado a fazer este Prefácio sobre o livro intitulado “Juventude(s): movimentos globais e desafios futuros” foi com imenso agrado que li o conjunto de textos que esta excelente obra, organizada por um notável grupo de investigadores/as do Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais (CICS.Nova) do pólo da Universidade dos Açores, traz ao grande público.

Com efeito, este livro é iniciado com uma relevante reflexão de Pina Lalli e Claudia Capelli sobre a relação difícil entre os novos media e a juventude, em que esta é apresentada ora como coletivo afastado dos media tradicionais mas hiperconectado nos novos media das redes sociais, ora como categoria social vulnerável em termos de precariedade, desemprego e dificuldade de acesso à habitação, ora como grupo beneficiário de programas europeus, ora ainda como ator politicamente apático. Com efeito, atentando nas crescentes narrativas dos media *mainstream* sobre os/as jovens, é veiculada a ideia nuclear de que, sendo a geração mais qualificada e embrenhada nas redes sociais, seriam cidadãos/ãs apáticos/as, problemáticos/as, ora individualistas e ‘empreendedores’/as, ora apenas ocupados/as com entretenimentos alienantes. Tais narrativas, veiculadas pelos grandes grupos de media (vg. a corporação transnacional *Vice* analisada pelas autoras), *websites* e outras formas digitais, têm algum impacto no quadro do que Merton designava a profecia autorrealizada (*self fulfilling prophecy*) e, não sendo de modo algum inocentes, produzem obviamente alguns efeitos, nomeadamente a adesão de jovens (*Millenials*, Geração Z dos anos 90) a lógicas (neo)liberais e pós-modernas. Porém, elas de modo algum

---

\* Sociólogo, Professor Catedrático e Investigador no Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais (CICS.Nova), Universidade do Minho e no Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (CEAM), Universidade de Brasília.

correspondem atual e historicamente ao papel da maioria dos/as jovens que, em diversos momentos históricos, tiveram um papel preponderante como atores sociais nas mudanças sociais e políticas. A este respeito convém desde já introduzir a heterogeneidade social dos/as jovens, aliás reconhecida nalgumas passagens da obra, não só em função do género, como de pertença de classe e étnico-racial e consequentes perfis, considerando as respetivas pertenças, trajetórias, escolaridade, posicionamentos políticos e religiosos, já trabalhados por vários autores/as em obras organizadas a este respeito nomeadamente sobre jovens em Portugal (Cabral e Pais 1998, Figueiredo *et al.* 1999).

Por sua vez, Cristina Ponte, Lídia Maropo e Teresa Sofia Castro, com base nos primeiros resultados de entrevistas e mesas redondas no quadro do projeto YSKILLS, assinalam de modo pertinente os diferentes tipos de competências digitais (instrumentais-operacionais, emocionais, sociais, criativas), por parte de adolescentes e jovens entre 13 e 17 anos, os processos de aquisição das mesmas, seus impactos e riscos. Ainda a respeito das culturas digitais juvenis Lídia Maropo, Maria do Rosário Rodrigues, Catarina Delgado, João Torres, Patrícia Dias e Eduarda Ferreira, constatando a popularidade dos influenciadores digitais, aliás atestados por diversos estudos, problematizam a emergência dessas celebridades e, com base em revisão da literatura sobre teorias do desenvolvimento infanto-juvenil, dão conta dos resultados de 429 inquéritos e quatro grupos focais de crianças e jovens entre os 10 e 17 anos no quadro do Projeto Competências de Informação para Jovens da Era Digital (CIJED) do Instituto Politécnico de Setúbal, tomando como objeto de estudo jovens do Agrupamento de Escolas Sebastião Gama. Nesta pesquisa, após a verificação dos diversos usos da internet pelas crianças e jovens e sua relação com os influenciadores, é desvelado de modo arguto o carácter mercantilizado destes influenciadores na dita era da plataformização da internet. Estes configuram um modelo de negócio orientado para a organização de recursos audiovisuais, desenvolvimento de ferramentas de media social para aferir gostos (em alimentação, saúde, beleza, moda, viagens) como base de algoritmos e conversão de utilizadores em criadores de conteúdos profissionalizados (*youtubers*), tornando os jovens consumidores em participantes ativos mas influenciáveis pelas pressões da economia neoliberal e programas de entretenimento.

Ainda no quadro das competências digitais dos/as jovens portugueses, Susana Baptista, Cristina Fonte e Eva Gonçalves procuram medir os diferentes tipos de competências digitais (operacionais, sociais, uso de dispositivos, informacionais-críticas e criativas) e, a partir de resultados de diversos inquéritos (vg. *EU Kids on line* em 2010 e em 2018, *Net Children Go Mobile* em 2014, YSKILLS) e testes de desempenho dos referidos tipos de competências entre 49 jovens dos 12 a 17 anos, concluem por

um elevado grau de competências digitais acima da média europeia, embora em 2018 constatem menor desempenho nas competências críticas, criativas. Em torno de contributos teóricos e resultados empíricos, as autoras empreendem uma notável reflexão sobre redes sociais, levando em linha de conta os riscos e danos potenciais, os desafios, as oportunidades e desigualdades no que concerne as tecnologias digitais nomeadamente por género e idade (vg. as instrumentais, informacionais e criativas mais entre os rapazes e as comunicativas ou sociais mais entre as raparigas) e, por fim, até que ponto estas proporcionam garantias de direitos de cidadania.

Já saindo do contexto português e deslocando-nos para a Argentina, Alejandro Cozachcow, recorrendo a uma ampla produção teórica e empírica sobre movimentos sociais sobretudo de género, analisa de modo apurado a relação entre juventude e política em termos multidimensionais (género, território e classe) e evidencia o protagonismo das mulheres jovens na política e, em especial, na configuração dos movimentos sociais e dos partidos, nos quais são visíveis os efeitos dessa mobilização nas diversas questões e correlativos posicionamentos na esfera pública, na meta da paridade de género na liderança organizacional, nas carreiras administrativo-políticas ou na legalização do aborto. Sob o lema “Ni una menos” a respeito do feminicídio, as fortes mobilizações de rua por parte de mulheres jovens iniciadas a 3 de Junho de 2015 constituíram um ponto de viragem na mudança socio-política, nomeadamente contra as diversas formas de abuso sexual, violência patriarcal na esfera privada e pública, na discriminação institucional de género no governo, no parlamento, nos partidos, nos media e na academia. Este movimento – aliás também presente, ainda que em menor medida, noutros países da América Latina (Uruguay, Chile, Brasil), nos Estados Unidos e na Europa - é analisado nos seus impactos particularmente durante o governo Macri (2015-2019), mas também nas suas repercussões nos diversos partidos políticos argentinos de esquerda e mesmo de direita. Porém, o autor presenteia-nos com uma análise mais ampla sobre a participação juvenil (vg. o Movimento de Juventude Política - MOJUPO) nos movimentos sociais e nos partidos políticos no caso argentino desde os anos 1950 e sobretudo desde a queda da ditadura em 1983 até 2020 nos seus diversos períodos e governos, rupturas e reformas, variabilidades e formas (ditadura e guerra, democracia, paz e amor, globalização e antiglobalização), sendo salientada a relação positiva da juventude com os governos Nestor Kirchner (2003-2007) e Cristina Fernandez (2007-2015).

Ainda no registo das dinâmicas socio-espaciais de contestação mas de cariz antisistémico, Carmina Mac Lorin descreve e analisa num registo etnográfico e à luz da geografia crítica os processos transnacionais de mobilizações conhecidas por *Occupy* que se estenderam do Wall Street em Nova Iorque, passando pelo *Square Victoria* em Montreal, até à *Plaza del Sol* em Madrid, entre outras 1500 cidades. A

autora focaliza-se nas dinâmicas socio-espaciais em ambiente aberto e horizontal dos ocupantes do “Occupemos Montreal” entre 15 de Outubro e 25 de Novembro sob as torres de bolsa de valores nos constrangimentos do lugar (do *Square Victoria* à *Place du Peuple*). Sob o lema “*Nous sommes le 99%*” é feito um apelo pelas redes sociais para um *Occupy* pacífico, em que tem lugar um ajuntamento variável com adesões entre 1000 a 3000 pessoas, em que se estabelece na referida *Square Victoria* uma clara crítica à democracia representativa e à especulação do capital financeiro, afastando-se dos movimentos identitários dos anos 1960 mas advogando diversidade de perspectivas e tomando a palavra diretamente *in loco*. Porém, a autora, num fino olhar etnográfico e atento à dinâmica dos espaços, aos constrangimentos concretos do espaço e ao peso das tarefas, enxerga, no alegado espaço deliberativo da democracia direta, a emergência de uma tensão antagónica entre o pouco envolvimento dos implicados/as na logística e divisão de tarefas (infraestruturas, alimentação, limpeza, problemas de álcool e saúde no acampamento) e os participantes nas Assembleias Gerais, bastantes dos quais não residentes e protagonistas de deliberações, o que viria a cristalizar uma clivagem entre os primeiros, já cansados e desmoralizados, e os segundos. Perante a eventualidade ou ameaça de desmantelamento do acampamento, o primeiro grupo convoca uma conferência de imprensa para declarar o abandono do espaço e, alegadamente, passar a uma outra fase do processo de luta, ou seja, à ação direta, na realidade como forma de sublimar a discrepância entre os ideais e a realidade tensional no terreno.

Após a exposição dos resultados de estudos na base de projetos específicos e fenómenos relativos à relação entre juventude e política, Paulo Vitorino Fontes amplia e aprofunda a análise de movimentos e pensamentos alternativos (incluindo os da juventude) ao nível do próprio sistema mundial. O autor, começando por caracterizar os tempos atuais como não propícios à utopia de uma nova sociedade ecossocialista, procede a uma apurada revisitação dalguns teóricos de referência do sistema-mundo, nomeadamente Arrighi, Frank, Wallerstein e Amin, os quais, para além das suas incisivas análises sobre as contradições e desigualdades históricas e dependências das regiões e países-satélites face às metrópoles e países centrais, acreditavam todavia nos finais dos anos 1970 na superveniência duma fase de crise sistémica e no declínio da hegemonia do capitalismo norteamericano. Porém, o autor, recorrendo a estes e outros teóricos, regista, para além da história da colonização no passado desde o século XVI, a acumulação de problemas económicos, sociais e ambientais e a colonização do próprio futuro que tem gerado protestos de várias classes e grupos sociais perante planos de austeridade e repressão (vg. indígenas, trabalhadores/as, movimentos 15 M, jovens parisienses, estudantes chilenos). O autor, além de apontar dificuldades de construção de alternativas utópicas e de articulação

dos movimentos e ações coletivas a nível mundial e sobretudo evidenciar a capacidade da burguesia de recorrentemente se adaptar às diversas situações, coloca com pertinência a questão de saber em que medida os movimentos visam mudanças no sistema ou do sistema, o que obrigaria a uma reflexão sobre os modelos explicativos da ação coletiva e/ou da sua ausência, conforme tenho assinalado em várias publicações (Silva 1998, 2012) que o autor assinala e releva mas não desenvolve provavelmente por falta de espaço. Por fim, o autor debruça-se sobre a construção de alternativas, socorrendo-se do diagnóstico das dificuldades e das propostas emancipatórias de Boaventura de Sousa Santos que tece críticas não só às narrativas dominantes como à teoria crítica originária da Escola de Francoforte e continuada no marxismo tradicional e os movimentos dos centros industriais do Norte em direção à democracia e ao socialismo, propondo preferencialmente, no quadro das epistemologias do Sul, os movimentos indígenas, camponeses, comunidades eclesiais de base, afro-descendentes, feministas em busca da dignidade, território, autogoverno, ‘bom viver’, mãe-terra, propostas estas relevantes mas que mereciam talvez um debate mais aprofundado, como propõem Sousa e Lewis (2013), também referidos de passagem pelo autor. Por fim, Paulo Fontes convoca ainda os contributos do geógrafo crítico David Harvey que, refletindo sobre os movimentos sociais urbanos desde a Comuna de Paris até hoje, aponta a utopia dialética em contraposição às presentes injustiças socio-espaciais urbanas, assim como a teoria e propostas de decrescimento de Carlos Taibo centradas em reruralizar, destecnologizar, despatriarcalizar, descomplexificar, apontando como exemplos de confrontação com o capital e o Estado as ecoaldeias, as cooperativas, a economia solidária e em autogestão, em que os jovens têm um papel decisivo ontem como hoje.

A finalizar a obra, Maria Kalfa, oferece-nos uma última reflexão crítica e inovadora sobre a relação entre Género e Política sob um claro olhar não sexista nem *voyeurista*, nomeadamente sobre o corpo nu e, mais especificamente, o tronco nu e parte íntima dos seios das mulheres como forma de resistência e de contestação pública à exploração no turismo sexual, ao machismo patriarcal, à homofobia e ao fundamentalismo religioso, evidenciando ações a desafiar figuras políticas ou religiosas no espaço público. As ações de mulheres em *topless*, embora com antecedentes, foram desencadeadas pela organização FEMEN (Fêmeas), criada na Ucrânia em 2008 para protestar contra o turismo sexual e, posteriormente, estabelecida em Paris e noutras cidades do mundo, ampliando-se com claros *slogans* inscritos nos corpos como expressões ativas de reivindicações pela igualdade de género contra o patriarcado e o autoritarismo e pelos direitos de minorias, comunidades *gay* e trans, comunidade vegan, entre outros.

A autora, partindo do *slogan* “o privado é político”, enquanto filtro crítico da divisão sexual do trabalho que remete o ‘privado’ trabalho doméstico para a invisibilidade, aponta a manifestação pública das mulheres em *topless* como forma de denúncia e crítica à desigual distribuição de poder entre homens e mulheres no mundo profissional, económico e político e correspondentes diferenciadas identidades e desiguais papéis masculinos e femininos respetivamente nos espaços públicos e privados.

## References

- Cabral, Manuel e Pais, José Machado (orgs)(1998), *Jovens Portugueses de hoje. Resultados do inquérito de 1997*. Oeiras: Celta Editora (com capítulos de Natália Alves, Manuel VillaVerde Cabral, Ana Alexandre Fernandes, João Sedas Nunes, José Machado Paris e Pedro Vasconcelos)
- Figueiredo, Alexandra Lemos, Silva, Catarina Lorga da, Ferreira, Vítor Sérgio (1999), *Jovens em Portugal. Análise longitudinal de fontes estatísticas*. Oeiras: Celta Editora.
- Silva, Manuel Carlos (1998), *Resistir e Adaptar-se. Constrangimentos e estratégias camponesas no Noroeste de Portugal*. Porto: Afrontamento.
- Silva, Manuel Carlos (2012), “Classes, crise e ação coletiva: pressupostos, desfasamentos e precondições”. In M.C.Silva e J. Valente (orgs), *Classes, Políticas e Culturas de Classe. Capital, trabalho e classes intermédias*. Vila Nova de Famalicão: Edições Húmus.
- Sousa, Sandra e Lewis, Tom (2013), “Para além da divisão Norte-Sul em epistemologia e política emancipatória”. In *Configurações*, vol. 12: 29-45.

# INTRODUÇÃO

Rolando Lalanda-Gonçalves, Pilar Damião de Medeiros, Gilberta Pavão Nunes Rocha

A publicação deste livro insere-se na linha traçada pelo Observatório da Juventude dos Açores (OJA) em analisar os jovens enquanto atores sociais em diversos contextos socio-espaciais.

Em 2016, o Observatório da Juventude dos Açores publicou o livro “Juventude(s) Novas Realidades, Novos Olhares”, onde compilou os principais textos dos colóquios realizados, em 2013 e em 2014, respetivamente, sobre os “Dilemas e desafios da(s) Juventude(s) Europeia(s) no Século XXI”, e “Desafios da juventude nas Regiões Ultraperiféricas”, a que se seguiu, em 2017, o livro “Juventude(s) pensar e agir” colocando em evidência que as desigualdades e a pluralidade de trajetórias entre os jovens refletiam novas formas de mediação, bem como os obstáculos que estes enfrentam *“gerados por efeitos de estrutura ou por contextos sociais diferenciados, onde a posse de capital económico, social, cultural(Bourdieu,1964,1979,1984) é determinante para compreender as lógicas e os sentidos da ação”*<sup>1</sup>

À luz de tais reflexões, o Observatório da Juventude dos Açores organizou, em outubro de 2018, o V Colóquio Internacional “Os jovens e movimentos globais” que teve como objetivo refletir sobre a participação cívica e a intervenção política dos jovens numa esfera pública transnacional a partir de três painéis temáticos: movimentos sociais e cidadania; associativismo e igualdade; e ativismo e sustentabilidade. Participaram com comunicações neste Colóquio Internacional: Lawrence J. Friedman (Harvard University) Donatella Della Porta, (Scuola Normale Superiore em Florença), Elísio Estanque (Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra), Rui Tavares ( Historiador e Fundador do Partido Livre), Daniela Soares (CICS.NOVA.UAc/CIPA-Novo Dia), Rolando Lalanda-Gonçalves (CICS.

---

1 Rocha, Gilberta, Lalanda-Gonçalves, Rolando, Damião de Medeiros Pilar “Introdução” in 2017 “Juventude Pensar e Agir, Húmus, V.N de Famalicão

UAc/CICS.NOVA.UAc), Paulo Vitorino Fontes (Centro de Investigação em Ciência Política, Universidade de Évora), e Sasha Constanza-Chock (MTI:Massachusetts Institute of Technology). Em 2020, o OJA organizou os *webinars* “Youth and Covid 19” que contou com a participação de Jami Carlacio (Yale University), de Pina Lalli (University of Bologna), e de Isabel Estrela Rego (Universidade dos Açores), e “Os Jovens e o Emprego” que contou com a participação dos oradores Maria Manuel Vieira (Universidade de Lisboa), António Brandão Moniz (Universidade Nova de Lisboa), e Ana Rita Tavares (Membro da Ordem dos Psicólogos Portugueses). Em 2021, este Observatório organizou o webinar “Os jovens e o mundo digital” que contou com a participação de Cristina Ponte (Universidade Nova de Lisboa), Lídia Marôpo (Instituto Politécnico de Setúbal), Susana Batista (Universidade Nova de Lisboa), e Rolando Lalanda (Universidade dos Açores).

Este livro surge na sequência destes colóquios e, por isso, se intitula “Juventudes(s): Movimentos Globais e Desafios Futuros” acrescentando, desta forma, aos livros publicados em 2016 e 2017, anteriormente referidos, um novo olhar sobre a juventude(s) na sua relação com o ciberespaço e enquanto atores em diversos movimentos sociais.

Podemos, assim, traçar ao longo das obras publicadas pelo Observatório da Juventude dos Açores uma linha de reflexão comum que olha os jovens, para além do simples grupo de idade, como atores que enfrentam desafios e dilemas e que constroem a sua ação em diversos contextos sociais de forma diferenciada refletindo as fraturas e as desigualdades existentes em diferentes sistemas sociais.

Esta obra é composta por sete capítulos. O primeiro da autoria da Professora Catedrática da Universidade de Bolonha Pina Lalli e de C. Capelli subordinado ao título “*Young people as “glocal” citizens of the world. News media representations of youth in mainstream and digital native media*” que põe em evidência as diferenças existentes entre as representações dos nativos digitais e dos media orientados para a juventude, e as representações geradas pelos media “mainstream” que tendem a enquadrar os jovens como atores sociais apáticos ou problemáticos. A necessidade de melhor compreender os jovens como atores na esfera pública exige, assim, um novo olhar sobre a problemática da participação política e cívica das diferentes juventudes.

O segundo capítulo da autoria de Cristina Ponte, Lídia Marôpo e Teresa Castro intitulado “*Conhecer e antecipar competências digitais de jovens. Primeiros contributos do projeto yskills com foco em Portugal*” mostra a importância da capacitação dos jovens na sua relação com a internet e a necessidade de identificar e compreender “os desafios do digital que se colocam em mercados de trabalho em transformação e nas novas tarefas no campo da educação” (Pág. 53-73)

O terceiro capítulo da autoria de Lídia Marôpo, Maria do Rosário Rodrigues, Catarina Delgado, João Torres, Patrícia Dias e Eduarda Ferreira intitulado “*Culturas digitais juvenis e os influenciadores na era da plataforma da internet*” descreve a emergência e caracteriza os influenciadores digitais e o seu papel nas culturas juvenis. O quarto capítulo da autoria de Susana Batista, Cristina Ponte e Eva Gonçalves sob o título “*O que sabemos e como medimos competências digitais dos jovens portugueses? Reflexões em torno de resultados de projetos de investigação*” questiona a problemática dos “nativos digitais” mostrando a diversidade na capacitação dos jovens na utilização dos recursos digitais.

No quinto capítulo da autoria de Alejandro Cozachcow intitulado “*Juventude, política e género na Argentina (2015-2020): como a mobilização das mulheres reconfigurou a juventude dos partidos políticos*”, o autor procura compreender a relação entre a mobilização dos jovens e as juventudes partidárias, com especial incidência na mobilização feminina e seus efeitos nos partidos políticos da Argentina. A partir de uma análise interdisciplinar, em que interliga conceitos das áreas da juventude, da sociologia e da ciência política, o autor explora de que forma as marchas pelos direitos das mulheres, que irromperam na arena pública da Argentina com slogan “Ni una menos” em 2015, tornaram-se o epicentro de uma nova vaga de feminismo na América Latina, feminizando o próprio âmago das juventudes políticas partidárias, agora mais orientado para uma agenda que, enquanto cria uma política assente na equidade de género, luta contra todo o tipo de manifestações que incitam a violência de género.

O sexto capítulo da autoria de Camila Mac Lorin intitulado “*Occuper les lieux ou être habité par eux: dynamiques spatiales d’Occupons Montréal*” procede de um olhar etnológico sobre os diferentes grupos de jovens mobilizados pelo movimento “Occupons Montreal”. A caracterização das múltiplas tensões entre estes grupos na sua relação com os *media* e a construção de um espaço simbólico de intervenção põe em evidência aspetos paradoxais na sua construção.

O sétimo capítulo, da autoria de Paulo Fontes, intitulado “*O sistema mundial e o pensamento alternativo da juventude*” propõe uma nova utopia dialética, como alternativa aos marcos institucionais, assente na transformação da nossa prática política. Esta pretende a criação de uma nova ordem social e ecológica, “que nos permita reconstruir as nossas relações sociais e com a natureza, num marco de democracia e justiça social, mais além das simples expectativas redistributivas” (Pág. 175-196). A partir de uma hermenêutica crítica de base interdisciplinar, coloca em diálogo diferentes autores, obras e abordagens teóricas com o objetivo, por um lado, de evidenciar os paradoxos da utopia do crescimento ilimitado da civilização capitalista e,

por outro, perceber as implicações da ação coletiva dos jovens na emergente “globalização do protesto” (Joseph Stiglitz).

O oitavo, e último capítulo, da autoria de Maria Kalfa subordinado ao título “*Gender and politics: Reviewing the naked body in public space*” a autora analisa a nudez do corpo feminino, um símbolo do privado que, no espaço público, transforma-se numa arma de resistência ao machismo, ao fundamentalismo religioso, à homofobia, entre muitos outros aspetos de cariz social e político. Após uma revisão crítica da literatura feminista, que problematiza questões em torno das relações de poder de género tanto na esfera privada, como na esfera pública, a autora destaca o papel do grupo de ativistas feministas FEMEN da Ucrânia que lutam contra todas as formas de agressão feminina e opressão dos corpos femininos. Segundo a FEMEN, o corpo feminino transforma-se numa arma política, num manifesto, em que o corpo transmite uma mensagem, deixa de ser silenciado, ou de estar no silêncio (Pág. 197-202).

Este livro na heterogeneidade das temáticas abordadas lança múltiplos desafios à compreensão das dinâmicas sociais e culturais subjacentes aos jovens enquanto atores de sistemas societais complexos.

Estamos longe de encontrar um padrão na ação, necessariamente plural, nos diferentes grupos de jovens possuidores de capitais económicos, sociais, e culturais muito diferenciados. Todavia, a reflexão dos encontros e colóquios, organizados pelo Observatório da Juventude dos Açores, leva-nos a considerar os jovens permanente desafiados a agir e, a agirem de *motu* próprio, na complexa rede de sociabilidades, mediadas ou não pelas tecnologias da comunicação e da informação existentes nas sociedades contemporâneas.